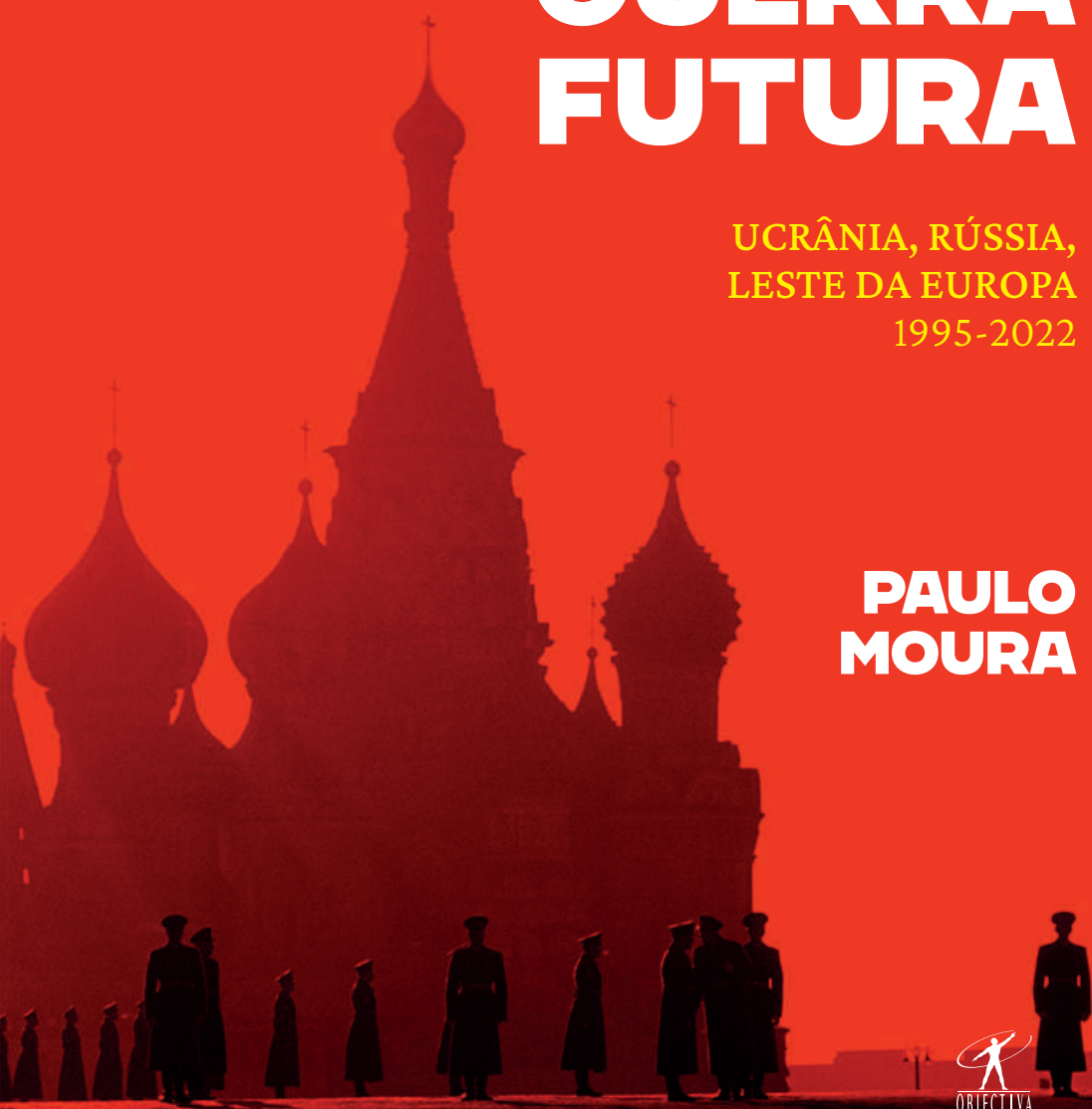


# VIAGEM AO CORAÇÃO DE UMA GUERRA FUTURA

UCRÂNIA, RÚSSIA,  
LESTE DA EUROPA  
1995-2022

**PAULO  
MOURA**



Personal **FILIFAX** Ref. 22-68421  
© 2020





burgo

MAZOVY

KHARKOV

DNIPRO

SINFEROPOL

SEBASTOPOL

KAZAN

CHERKASSK

CAZAQUISTÃO

YERMAKOV

NEVSKAYA

AKHMETOV

MAI 18 25

LOGO SOKOL

GEORGIA

ARMENIA

ARMENIA

ANKARA

TURQUIA



Ao João Carlos Silva

# Índice

Introdução – Viagens à fronteira  
**11**

1995/96 – Rússia  
**17**

2001 – As novas fronteiras da Europa  
**71**

2012 – Rússia  
**139**

2014 – Ucrânia  
**163**

2014 – Crimeia  
**201**

2022 – Ucrânia  
**253**

## INTRODUÇÃO

# Viagens à fronteira

Viajar para a Ucrânia em 2022, dois meses após o início da guerra, foi como visitar um velho amigo que tivesse adoecido gravemente.

Um daqueles amigos com quem convivemos de forma esporádica e frívola ao longo dos anos, para só no momento da enfermidade eventualmente fatídica nos apercebermos de como a nossa ligação era afinal profunda, fraterna, imprescindível. E de como cada um dos nossos encontros passados foi, afinal, único e precioso.

A minha visita a Lviv nos dias da invasão russa fez-me perceber quanto as viagens que fiz, desde os anos 90, à Ucrânia, à Rússia e a uma dezena de países da Europa de Leste, foram importantes para mim.

Os acontecimentos iluminam-se uns aos outros, tal como duas pessoas se completam quando se olham nos olhos.

Com tudo o que sabemos hoje, recordar a revolução ucraniana da Maidan e a ocupação da Crimeia, em 2014, é um exercício particularmente revelador.

Quando parti para Kiev, a 20 de fevereiro de 2014, o meu quadro mental de interpretação eram as Primaveras Árabes. Desde a Tunísia, mas principalmente desde a Praça Tahrir,

no Cairo, onde acompanhei, durante semanas em 2011, as manifestações de centenas de milhares de pessoas que fizeram cair o regime de Hosni Mubarak, formou-se uma espécie de padrão, que viria a inspirar outras revoltas, por todo o mundo.

Eram mobilizações de jovens, feitas nas redes sociais, e consistiam em ocupar uma praça, transformando-a numa gema de resistência, uma festa, cheia de diversidade, música e arte. O ideário destas insurreições pacíficas era vago, mas não destituído de coerência: liberdade, prosperidade, justiça.

O padrão repetiu-se em contextos muito diversos. Depois do Cairo, estive com os rebeldes líbios, em Bengazi, e depois em Istambul, na Praça Taksim, em 2013. E no ano seguinte na Praça da Independência, a Maidan, de Kiev.

É certo que estas «Primaveras» foram inconsequentes. Acabaram todas mal. Nuns casos, com cargas policiais violentas, noutros, com guerras civis (Líbia, Síria), noutros com reviravoltas políticas que instauraram regimes iguais ou ainda piores (Egipto).

E é sabido também que em todos os casos houve manipulações e manigâncias dos serviços secretos, com provocadores e espões a manobrem na sombra.

Apesar disso, o que eu posso testemunhar é que todas as Primaveras foram espontâneas e autênticas. Mesmo no caso da Maidan, que deu origem a uma guerra, talvez a uma guerra mundial.

Olhando para lá a partir do futuro, vê-se bem que nada daquilo foi inocente.

As manifestações na Praça da Independência (Maidan Nezalejnosti, conhecida apenas por Maidan), começaram quando o Presidente, Viktor Ianukovitch, se recusou a assinar um acordo de aproximação com a União Europeia, prometido

dez anos antes, firmando em seu lugar um outro com a Rússia, que aumentava a dependência política e económica.

Ianukovitch fora eleito com promessas de aproximação à Europa, mas vinha sendo pressionado a mudar de orientação por parte de Moscovo, que via a UE e a NATO a aproximarem-se perigosamente das fronteiras russas.

As manifestações da Maidan obrigaram a um acordo do Presidente com a oposição, a 1 de fevereiro, e à queda e fuga daquele no dia seguinte, com a formação de um governo interino pelos líderes da revolução (que integravam elementos da extrema-direita), escolhido por aclamação no palco da praça. Dias depois, a Rússia ocupou a Crimeia. A seguir, ajudou os separatistas do Donbass. Passado oito anos, invadiu a Ucrânia.

Terão sido os manifestantes da Maidan manipulados pelos EUA e o Ocidente? Muito provavelmente.

Mas, se olharmos o futuro com os binóculos daquele momento, o que vemos é uma vaga de fundo, um movimento mundial de libertação iniciado pelas Primaveras Árabes, embora adaptado a contextos geopolíticos muito diferentes.

Nessa perspetiva, em que aceitamos revisitar o passado para compreender o presente, talvez a atual guerra seja só a consumação desse conflito há muito latente.

Ou talvez Maidan nada tenha a ver com as «Primaveras», apesar de acontecer numa praça e adotar *slogans* semelhantes.

Certas ações mimetizam formatos já conhecidos, para serem compreendidas e aceites.

Mas também pode acontecer que um mesmo acontecimento constitua uma etapa coincidente de vários processos históricos diferentes, ou até opostos.

Dois anos antes, tinha estado na Rússia a acompanhar a reascensão à Presidência de Vladimir Putin, eleito por uma



classe média emergente que ansiava por mais meritocracia, mais estabilidade, menos corrupção. Ideais não muito distantes dos defendidos em todas as praças das «Primaveras».

E sete anos antes, eu viajara pela Rússia, pouco depois da queda da União Soviética, por ocasião de outras eleições presidenciais, que opunham Boris Ieltsin, o candidato pró-democracia, pró-capitalismo, pró-Occidente, ao comunista Vladimir Ziuganov, apoiado pelos nacionalistas.

Mais uma vez, num momento crucial da sua História, a Rússia hesitava entre a sua vocação europeia, moderna e livre e a sua atávica propensão asiática, retrógrada e autoritária. Nessa altura, os russos escolheram Ieltsin, a liberdade, a democracia e a Europa.

Este é um livro de viagens diferentes, pelos mesmos lugares.

Numa dessas aventuras, realizada em 2001, percorri, durante meses, toda a fronteira entre a UE, nas vésperas do seu quinto alargamento, e os países europeus que ficariam de fora.

É uma linha fascinante, embora imaginária. Hoje, separa a «civilização» europeia da «barbárie». No tempo da Guerra Fria, separou o mundo «livre» do mundo «socialista». Servia para definir os inimigos, permitindo a cada um dos lados saber quem era, quem devia odiar e quem era suposto amar.

Mas era também um espelho distorcido, em que se refletiam os sonhos de dois mundos.

Do lado oriental, olhavam a fronteira e sonhavam secretamente com a liberdade, a riqueza, o capitalismo, o individualismo. Os ocidentais fitavam a mesma fronteira e tinham delírios de igualdade, justiça, saúde e educação gratuitas para todos. O inferno de uns era o paraíso dos outros.

E isso constituiu a válvula de escape que permitiu a sobrevivência de ambos, durante muito tempo. Foi a época do equilíbrio do terror dos sonhos do mundo.

Quando terminou, o Leste passou a rejeitar a igualdade, o Oeste perdeu o interesse pela liberdade.

Pensei que, se havia um local onde procurar as razões da guerra, os valores pelos quais alguém, em algum momento, tivesse pensado que valia a pena morrer, seria ali, nos escombros dessa fronteira. A própria palavra Ucrânia significa «fronteira».

Este é um livro de memórias de viagem à procura do que está em causa, das sementes da violência.

As diferentes tradições históricas, religiosas e culturais, diferentes costumes, valores, gostos, heróis, sagas, literaturas, músicas, projetos, utopias...

Há muitas e boas razões para se travar uma guerra.

São precisamente as mesmas razões por que vale a pena viver em paz.



---

*1995/96*

**RÚSSIA**

Com um agradecimento ao José Milhazes,  
que foi, na Rússia, meu guia, tradutor,  
companheiro de viagem e mestre.

## A minha *Leica* em pele de cobra

Numa feira nas proximidades da Rua Arbat, em Moscovo, fiz uma estranha compra. Um homem de ar aturdido aproximou-se, trazendo algo embrulhado num saco de plástico. «Very rare», disse apenas. Puxou-me para um canto e mostrou o que tinha para vender. Fiquei estarecido. Era uma máquina fotográfica *Leica*, antiga, a mais bela que alguma vez vira. Toda a placa superior e componentes mecânicas eram de metal dourado, talvez mesmo ouro maciço, o corpo da câmara forrado em pele de cobra. «Cem dólares», disse o homem. Percebi que tinha pressa, estendi-lhe a nota e corri para o hotel para observar o meu novo tesouro. Era um modelo da *Leica II*. Na superfície dourada tinha gravado: *Leica, Ernst Leitz, Wetzlar*. E o símbolo do Estado nazi: a cruz suástica encimada por uma águia. O pequeno objeto parecia contar a própria história: produto da prestigiada marca alemã fundada em 1869 por Ernst Leitz na cidade de Wetzlar, terá pertencido a um soldado alemão caído nalguma batalha ou bombardeamento da Segunda Guerra Mundial. Um soldado russo tê-la-á trazido e vendido em Moscovo.

Trouxe a minha nova relíquia para Portugal e, durante alguns anos, a *Leica* de ouro e pele de cobra esteve numa

prateleira da minha sala, ao lado de outros *bibelots* de países exóticos. Um dia, não resisti e levei-a a um avaliador, numa casa de máquinas fotográficas antigas. O especialista colocou um óculo próprio e pegou na câmara com muito cuidado. Pareceu-me que os seus dedos tremiam. Abriu-a, inspecionou todos os mecanismos e por fim disse: «O senhor tem a noção de quanto vale esta máquina?» Só tive a noção de que gaguejei. «Deve valer bastante... uma vez que é antiga...» comecei, preparando-me para fazer o negócio da minha vida. «Esta máquina vale cem mil contos...», disse o homem. Fez uma pausa interminável e acrescentou: «...se fosse verdadeira!» «Este modelo em pele de serpente existe», explicou, «mas a marca só fabricou um exemplar, por encomenda pessoal de Hitler. Por outro lado, sabe-se que uma fábrica na Rússia produziu *Leicas* falsas a partir de câmaras *zorkis*. Tudo indica tratar-se de uma dessas réplicas. Embora tão perfeita, repare, que o meu parecer não é técnico, mas meramente estatístico...», continuou o perito, deixando escapar, na minha direção, um fugaz olhar de terror, «...dada a extrema improbabilidade de a máquina de Hitler lhe ter vindo parar às mãos».

Não quis saber mais nada. Saí da loja. Qual *Zorki*, qual réplica russa! Eu levava no bolso a câmara de Hitler. Era óbvio. Acaricieei a superfície rugosa e morna da pele de cobra e um turbilhão de ideias inundou o meu cérebro. Hitler usou este objeto. Em que circunstâncias? Para quê? Que imagens terá querido registar? Que momentos íntimos terá esta câmara captado? E que percurso terá percorrido até chegar a mim? E porquê eu? Não posso deixar de me sentir um privilegiado. De certa forma, é o próprio olhar de Hitler encerrado na pequena câmara escura. Espreitei pelo óculo. Incrível, a limpidez da lente. Já não se fabricam assim.

É claro que, depois, a terrível relíquia voltou à prateleira da sala, para delírio das visitas. Mas às vezes olho-a e é como se o pequeno Graal maligno, o ovo da serpente hibernado há mais de meio século, pedisse ação. Afinal, está em perfeito estado de funcionamento. Porque não comprar-lhe um rolo e experimentá-la?



---

## **Novosibirsk, Sibéria**

### *Um homem pesca no mar de Ob*

Postal da Sibéria: Um homem está a pescar no mar de Ob. Absolutamente imóvel, meio mergulhado no mar de Ob. O silêncio é absoluto, o homem, embrulhado num impermeável verde, tem a água pela barriga e canas de pesca espetadas à sua volta, com os fios esticados, e pequenos sinos presos nos fios. Se algum peixe morder o isco, um sino tilinta.

Postal da Sibéria: Fundo do lago Baikal, que contém 20 por cento da água doce do planeta. Escuridão. O lodo acumula-se à velocidade de um centímetro por século. Nos vários metros de camadas, está inscrita a história da Terra nos últimos milhares de anos.

Postal da Sibéria: Numa expedição às montanhas do Altai, um especialista em Arqueologia das Terras Permanentemente Geladas faz uma descoberta assombrosa. Dentro de um bloco de gelo estava o corpo, intacto, de uma mulher.

O arqueólogo olhou-a, fascinado. «Quem és tu?», pensou. A mulher estava muito bem-vestida, ainda que num estilo um pouco antiquado, e parecia dormir. Mas tinha uma expressão preocupada. O corpo, ali há 2500 anos, terá sido o de uma princesa de um povo das montanhas já desaparecido. O arqueólogo, que tinha ouvido teorias segundo as quais um ser humano, congelado nas condições adequadas, podia ser conservado vivo durante milhares de anos, não chamou logo os companheiros. Ficou ali por uns momentos, apesar do vento gélido do Altai. Pensou: «É melhor não a acordar já. Pode estar a sonhar.»

Postal da Sibéria: Andrei e a mulher estão a jantar no restaurante de luxo «O Caçador», em Novosibirsk. São ambos médicos, mas há cinco anos que se dedicam aos negócios. Têm uma clínica, comercializam medicamentos naturais da Sibéria, importam cortiça de Portugal. Na Sibéria, fazem-se negócios com margens de lucro superiores às possíveis em qualquer outro país do mundo, disse-me Andrei. Aqui tudo é mais calmo do que em Moscovo. Não há, como na capital, os assassínios sistemáticos de empresários, e as máfias só incomodam os feirantes ilegais e os contrabandistas. No entanto, Novosibirsk, com os seus 1,5 milhões de habitantes, é o maior centro de negócios da Rússia, a seguir a Moscovo e a São Petersburgo.

Andrei está convencido de que, ao contrário do que indicam as estatísticas, as pessoas vivem razoavelmente bem na Sibéria. Ele paga cerca de 250 euros por mês aos seus médicos, 350 aos vendedores, comissões incluídas. Mas «as pessoas são, na sua maioria, camponeses ou da família de camponeses. Têm sempre comida que elas próprias cultivam, e uma grande solidariedade umas com as outras».

Andrei também pensa que os homens de negócios da Sibéria não querem investir o seu dinheiro fora da sua terra, porque acreditam que ela será muito rica dentro de pouco tempo.

Se o candidato comunista ganhar as próximas eleições, Andrei e a mulher sabem que poderão perder tudo de um dia para o outro. «Eu estaria disposto a dar à candidatura de Ieltsin todo o dinheiro que eles pedissem. Mas nunca me pediram nada, presumo que é porque não precisam.» Se os comunistas ganharem, Andrei não tenciona fugir para o estrangeiro. «Todo o meu dinheiro está aqui, na Sibéria. E alguém tem de ficar, para ir para as barricadas.»

Andrei e a mulher não vivem a sua nova situação de casal rico como algo efémero. «É impossível que tudo volte para trás. Esta é a Rússia com que sempre sonhámos.»

Postal da Sibéria: Vassili Areshenko, já um pouco bêbado logo pela manhã, explica aos jornalistas o sentido da frase de Lomonossov, sábio do século XVIII, que está afixada na rua principal da Akademgorodok, a cidade dos cientistas dos arredores de Novosibirsk: «Na Sibéria, nascerá o poder da Rússia.»

Por estar aí concentrada a grande maioria das riquezas da Rússia, foram criadas dezenas de institutos científicos para as estudar e explorar. Devido à crise económica, no entanto, a investigação foi aberta a cientistas estrangeiros. Nos locais de características naturais únicas, ou onde foram feitas descobertas científicas de grande importância, criaram-se centros internacionais de investigação, em particular no lago Baikal, onde existem mais de 1500 espécies animais e vegetais únicas no planeta, no Altai, devido às descobertas de arqueologia de biosfera, e no centro de Estudos Espaciais em Novosibirsk.

Vassili era investigador de eletrônica. Agora, «sou um burocrata», diz. Colocaram-no no lugar de responsável pelas relações internacionais, provavelmente devido ao seu alcoolismo.

Postal da Sibéria: reunião de jornalistas na redação do Sibéria Soviética. Natasha, de olhos azuis, redatora do *Juventude da Sibéria*, diz: «Nas eleições para governador de Novosibirsk, toda a imprensa fez campanha pelo candidato democrata. Mas ganhou o comunista, porque corria de boca em boca a história de que ele era um bom gestor na sua empresa. Acho que na Sibéria os canais de comunicação populares, os rumores, os líderes de opinião locais têm mais influência do que os jornais.»

Dimitri, jornalista da televisão de Novosibirsk: «Penso que há um divórcio entre os *media* e a população. A campanha que os jornais e as televisões fazem pelo Ieltsin pode ser contraproducente.»

Svetlana, do *Sibéria Soviética*: «Acho que o povo pensa de uma forma maniqueísta, e não se deixa influenciar pela argumentação que lhe possamos expor. Vários sociólogos têm estudado o eleitorado siberiano. O povo ainda está num estado infantil.»

Postal da Sibéria: Pássaros levantam voo na imensidão verde. Na planície da taiga, o trigo, semeado debaixo da neve, desponta mal esta derrete.

Postal da Sibéria: Ira, 17 anos, quer ser fotografada na margem do mar de Ob. Deixa de rir, para a fotografia. Como é para ficar para a posteridade, faz uma pose sonhadora, como as raparigas das fotonovelas. Com que estará ela a sonhar?

## **Akademgorodok, Sibéria**

### *A cidade do Sol*

No meio da floresta, nas margens do mar de Ob, no coração da Sibéria, ergue-se uma cidade de ficção científica: Akademgorodok.

Só um louco podia ter imaginado tal coisa. Construir na floresta, exatamente no centro da Sibéria, uma cidade só para gênios e cientistas, isolada de tudo, com todas as condições para criarem o que quisessem. A ideia foi do físico Mikhail Lavrentiev, que, em 1957, a propôs às autoridades comunistas, que prontamente aceitaram, convencidas de que uma tal concentração de especialistas de todos os ramos da ciência daria frutos inimagináveis, criaria superinvenções e muniria a URSS de um poder tecnológico que a tornaria uma potência imbatível.

Pelo menos, foi com este argumento que Lavrentiev os seduziu, defendendo que a interdisciplinaridade, a troca de experiências e a concentração de esforços elevariam o desenvolvimento científico à enésima potência. Juntem-se no meio da selva alguns milhares de cérebros geniais, deem-se-lhes todos os materiais que pedirem, e produzir-se-á um milagre.

Com Krutchov no poder e os complexos do estalinismo ultrapassados, vivia-se uma época em que todos os delírios eram possíveis. Os dirigentes políticos aceitaram a ideia de Lavrentiev, de quem se diz que era um gênio e que, já na altura, sabia o que ia acontecer.

A estrada avança pelo meio da floresta, a densa floresta verde de bétulas e pinheiros da Sibéria, e de repente surge a cidade, os enormes edifícios no meio da vegetação: cheguei a Akademgorodok, a 28 quilómetros de Novosibirsk. Viviam

ali cerca de 150 mil pessoas, quase todas cientistas geniais e as suas famílias, e jovens que prometiam vir a ser cientistas geniais (os vencedores das Olimpíadas da Matemática e da Física eram chamados para Akademgorodok). A maior concentração de génios do planeta.

«À direita, está o Instituto de Citologia e Genética; ali, quase invisível atrás das árvores, fica o Instituto de Química Inorgânica; aqui é o Instituto de Geologia, ali o de Matemáticas Puras.» Evguenia Efimenka vai-me guiando por entre os 22 institutos científicos, destinados exclusivamente à investigação, pelas zonas de lojas e restaurantes, das vivendas dos académicos, do teatro, do clube de dança, do centro de exposições, o Clube dos Jovens Técnicos, a Casa do Cientista, o Jardim Botânico, o monumento a Lavrentiev. «A toda a volta da cidade», explica Evguenia, «há fábricas onde os cientistas podem mandar produzir tudo o que quiserem, para pôr em prática as suas invenções.»

Evguenia, que agora está reformada, mas trabalhou como investigadora no Instituto de Termodinâmica, foi das primeiras cientistas a virem para aqui. «Cheguei em 1958, por puro romantismo. Podia ter ficado em Moscovo, não vim ganhar mais do que ganhava lá. Vim, como todos os meus colegas que aceitaram o desafio de Lavrentiev, atrás de uma utopia. Académicos de grande prestígio instalaram-se logo nessa altura: Maltsev, Rechteniac, Burdienski.»

Evguenia, pequenina, os olhos vesgos e juntos por detrás dos óculos, como dois protões na lamela de um microscópio de Júlio Verne, fala com uma nostalgia fanática. Como aquelas pessoas que um dia viram um fenómeno paranormal e ficaram anormais para sempre. Por exemplo: não responde ao que lhe pergunto. Quando quis saber o que eram aquelas coberturas de plástico à frente das casas dos cientistas, ela

começou a dizer que os filhos tiveram uma educação ótima, porque todos os professores em Akademgorodok eram geniais, e que gozava de boa saúde, porque os médicos da cidade eram extraordinários. Mais tarde, a despropósito, veio a explicar-me o que são os plásticos nos quintais dos académicos.

«Esta foi a primeira aldeia que ergueram. Chama-se a aldeia dos construtores, porque aqui viveram os primeiros habitantes de Akademgorodok, como eu.» Evguenia aponta para um bairro de prédios de tijolo, de três andares, do género bairro social. «Ali, em frente, fica o Instituto de Termodinâmica.» E recorda uma das regras, observadas desde o início, para se estar ali: toda a gente tinha de ir para o trabalho a pé ou, se estivesse muito atrasada, de bicicleta.

«Logo desde essa época, a atmosfera humana dentro da cidade era muito especial, diferente de qualquer outro local que eu tenha conhecido. A solidariedade, o entusiasmo...» Nesse momento, cheguei a duvidar de que Evguenia, não obstante ser um génio da Termodinâmica, tivesse sido a escolha certa para minha guia. Logo a seguir, porém, concluí que sim: quando lhe perguntei por Abel Aganbeguian e o seu Instituto de Economia, Evguenia Efimenka teve esta tirada esfíngica: «Para compreendermos o que uma pessoa é, basta vermos como anda vestida e como tem a sua casa arrumada.»

O que aconteceu, enfim, em Akademgorodok? Bom, os génios começaram a trabalhar. Os físicos nucleares tinham uma dúvida, iam pedir ajuda aos matemáticos. Estes faziam depois fofoca com os bioquímicos dos fluidos, que não resistiam a contar aos cibernéticos durante as aulas de *ballet*. Os termodinâmicos faziam noitadas com os filósofos, que costumavam reunir-se a pintar quadros impressionistas com os biogenéticos, que discutiam economia com os físicos quânticos, enquanto dançavam o *rock'n'roll*.

Resultado: eminências como o economista Abel Aganbeguian ou a socióloga Tatiana Zaslavskaja começaram a tornar-se excêntricos. Faziam descobertas lunáticas. Abel escreveu que o país sofria de «inflação oculta» e de baixa produtividade causada pela «atitude triste de cada um face ao seu emprego», visível no índice «quantidade de álcool ingerido durante as horas de trabalho». Tatiana concluiu que, «devido à propaganda ideológica, nós ‘temos a percepção’ de que vivemos num socialismo desenvolvido e de que, no Ocidente, existe a pobreza generalizada. Mas ‘vemos’ que, ao contrário do Ocidente, a URSS vive na miséria».

Daqui à Perestroika foi um passo. Gorbatchov leu os escritos dos sociólogos e economistas da Akademgorodok de Novosibirsk e deixou-se influenciar. Depois, a história é conhecida. Em 1991, caiu o Partido Comunista e dissolveu-se a URSS; em 1992, foram liberalizados os preços e começou a crise aguda, tanto na sociedade russa como em Akademgorodok, que deixou de ter dinheiro para financiar a investigação e para pagar salários decentes aos cientistas. Muitos deles mudaram-se para Moscovo ou para o estrangeiro.

«Um cientista não devia ter de se preocupar com o que vai dar de comer aos filhos no dia seguinte», diz Evguenia. E revelou o segredo dos plásticos nos quintais dos cientistas: são coberturas com que os académicos protegem as suas plantações de couves e tomates.



# VISTAS DO FUTURO, TODAS AS GUERRAS SÃO ABSURDAS.

Uma máquina fotográfica que talvez tenha pertencido a Hitler.  
Uma cidade siberiana de cientistas que desencadeou o fim  
da Guerra Fria.

Um banqueiro comunista.

O star-system da máfia russa.

O regresso do rei búlgaro.

A prisão do ditador sérvio, Milosevic.

Os bastidores da indústria porno húngara.

As fronteiras polacas de todos os tráficos.

O clube noturno mais ousado de Moscovo.

Um jogador de póquer em Maidan.





Reuniões secretas de nazis ucranianos.

Oligarcas revolucionários na Crimeia.

Da Rússia à Ucrânia, passando pelas várias fronteiras físicas e culturais que dividem duas Europas irmãs, esta é a narrativa de uma série de viagens feitas entre 1995 e 2022. A perspetiva é a de um viajante do futuro, que se desloca para observar as raízes da discórdia, encontrar abominações, diferenças irredutíveis, ódios antigos — ideias e sentimentos pelos quais valha a pena matar e morrer. As razões para se começar uma guerra são sempre muitas. E são precisamente as mesmas que tornam a paz obrigatória e urgente.



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt  
  penguinlivros  
 editoraobjectiva

ISBN 9789897846199



9 789897 846199 >